

A ARS RHETORICA RENASCENTISTA: O HUMANISMO EM APOLOGIA A STUDIA LITTERARUM

THE RENAISSANCE *ARS RHETORICA*: HUMANISM IN DEFENSE OF THE *STUDIA LITTERARUM*

Lucas Barbosa Gomes¹

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Resumo

O artigo tem como pretensão investigar a hipótese da centralidade da *ars rhetorica* e da filologia como fundamentos dos *studia humanitatis na Renascença Italiana como fio de compreensão do movimento humanístico do período*. A análise destaca a retomada crítica de textos clássicos, sobretudo ciceronianos, como base para a reconstrução de uma linguagem moral, política e educativa voltada à *vita activa*. O humanismo é interpretado não apenas como movimento filológico ou estético, mas como projeto pedagógico e cívico, voltado à formação do *homo eloquens* e à preservação da *res publica*. A imitação (*imitatio*) clássica é vista como estratégia epistemológica e ética, orientada à ação concreta. A articulação entre eloquência, ética e política marca a singularidade do humanismo renascentista frente ao legado medieval, operando uma ruptura epistemológica fundada na linguagem enquanto forma e conteúdo da vida pública.

Palavras-Chave

Humanismo Renascentista; Ars rhetorica; Studia humanitatis; Filologia.

¹ Mestrado em História Social pelo PPGH – Universidade Federal Fluminense (UFF) e Licenciado em História (UFF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8402-5664>. E-mail: lucasbarbosagomes@id.uff.br

Abstract

The article aims to investigate the hypothesis of the centrality of *ars rhetorica* and philology as the foundations of the *studia humanitatis* in the Italian Renaissance, as a guiding thread for understanding the humanistic movement of the period. The analysis highlights the critical revival of classical texts, especially Ciceronian ones, as the basis for reconstructing a moral, political, and educational language oriented toward the *vita activa*. Humanism is interpreted not merely as a philological or aesthetic movement, but as a pedagogical and civic project directed toward the formation of the *homo eloquens* and the preservation of the *res publica*. Classical imitation (*imitatio*) is seen as an epistemological and ethical strategy, oriented toward concrete action. The articulation between eloquence, ethics, and politics marks the singularity of Renaissance humanism in contrast to the medieval legacy, effecting an epistemological rupture grounded in language as both the form and the content of public life.

Keywords

Renaissance Humanism; *Ars Rhetorica*; *Studia Humanitatis*; Philology

1. Introdução

O termo *studia humanitatis* está atrelado a um panorama mais amplo e sob um fenômeno político-cultural que se articula por um movimento mais abrangente circunscrito nas esferas sociais, culturais e políticas do contexto ítalo-renascentista e, paralelamente, os ecos desse fenômeno para as demais espacialidades europeias². O humanismo pode ser interpretado como um remodelamento da metodologia pedagógica (PEREIRA, 2011) e da interrogativa a ser analisada com a aderência de um conjunto de disciplinas - os *studia humanitatis* - tendo como escopo, estas, a subjetividade e a ação do homem como sujeito atuante no plano secular na práxis social moralmente regida (ADVERSE, 2013) (CARDOSO, 2020).

² Sobre o impacto da renovação pedagógica e filosófica empregada pelo humanismo no âmbito político e social como, por exemplo, na Ibéria; Cf. SOARES, Nair de Nazaré C. **Mostras de sentido do fluir do tempo**: estudos de Humanismo e Renascimento. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

O conceito terminológico do *Humanismus*³ fora cunhado somente no ano de 1808 por Friedrich Immanuel Niethammer (1776-1848), estudioso da filosofia teológica e da pedagogia protestante. Kristeller sublinha que a intenção de Niethammer em forjar esse termo era de demarcar a medular relevância dos estudos orientados por uma abordagem que tem como pressuposto a sua base de reflexão a retomada do paradigma vigente nas dimensões da cultura política e literária da Antiguidade greco-romana (KRISTELLER, 1995). O afloramento dos textos tidos como clássicos, obtidos a partir da busca constante e da divulgação em núcleos intelectuais como forma de elaborar debates, discursos ou textos da mesma competência em grau de erudição, tinham como objetivo o retorno das premissas linguísticas de outrora (KRISTELLER, 1995, p. 16).

O fundamento metodológico do humanismo foi demarcado pela instituição de um núcleo pentagonal de disciplinas eruditas: a Gramática, a História, a Retórica, e Poesia e a Filosofia Moral (BIGNOTTO, 2021, pp. 128-29). Em conjunto, esses conteúdos literários eram respaldados sob a análise crítica, estudo sistemático e reprodução de figuras notáveis da Antiguidade (MIRANDA, 2011, p. 103). Em fragmentos, foram retomados como, por exemplo, as obras do gramático Aulo Gélcio (125-180 d.C.); Homero, Tucídides; Virgílio; Juvenal; Plutarco; Sêneca; Aristóteles (384-322 a.C.) – tendo a *Política* traduzida para o latim em 1250. Como ressaltado por Kristeller, o principal autor amplamente difundido como base dos estudos da retórica e do *vivere civile* (temática de profundo valor no contexto comunal/republicano), será Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.)⁴; autor de

³ O conceito fora desenvolvido, de uma forma mais pontual, na obra *Der Streit des Philanthropinismus und des Humanismus in der Theorie des Erziehungs-Unterrichts unsrer Zeit* (A disputa entre filantropinismo e humanismo na teoria da educação de nosso tempo).

⁴ “[...] Cícero se tornou o primeiro advogado de Roma durante o período da questura, situação que provavelmente lhe concedeu espaço para ir construindo sua figura de homem público. Tornou-se, em seguida, edil curul, pretor e, por fim, conseguiu alcançar a suprema magistratura: o consulado. Enquanto *homo novus*, visto não advir de uma família de tradição política, Cícero representa o típico exemplo do jovem romano que usou estrategicamente o conhecimento oratório para ascender no espaço público da urbs, imagem que se torna possível a partir da leitura de alguns dos seus discursos e da biografia que Plutarco lhe dedicou. Esse, ainda que exalte seu biografado como o “grande” orador e político romano, seja por sua habilidade na arte da retórica, seja por suas virtudes, nos permite mapear como Cícero foi conquistando o espaço público e

suma relevância neste período, o qual redefinirá a tradição retórica relacionada à ética [*ethika*]⁵ na cultura política renascentista ao ponto que Kristeller define o humanismo ítalo-renascentista como “[...] uma época de ciceronismo” (KRISTELLER, 1995, pp. 17-19 e 25).

Nessa perspectiva, o conceito do *imitatio* se enquadra como premissa fundamental para compreender a mentalidade política e intelectual humanista ou, em um panorama mais amplo, a mentalidade política do humanismo renascentista. O intuito do *imitatio* não era, em linhas gerais, plagiar o material literário clássico à disposição dos doutos neste período (meados do século XIV e ao percorrer do *Quattrocento*). Contudo, o pressuposto de *imitatio* consistia, em oposição a mera replicação, em assimilar integralmente o modelo de escrita, da edificação dos argumentos, do grau de complexidade dos debates ou o modelamento do *corpus* argumentativo sobre determinado assunto, seja político, histórico, poético ou jurídico. Os parâmetros linguísticos ou conceituais empregados no Medievo estavam, ao percorrer nesta conjuntura dialética, entrando em divergência com os padrões empregados pelo vocabulário humanista-renascentista pela transmutação gradual da intenção (filológica) empregada ao *corpus* textual reavido (BURKE, 2008, p. 33) (SKINNER, 1996, pp. 105-106).

como, por meio de seus discursos, foi mantendo os poderes adquiridos”. LIMA, Marinalva Vilar de; CORDÃO, M. Pereira de S. Discursos ciceronianos: a oratória como estratégia política na Roma Antiga. **Classica** (Brasil) 20.2, 270-292, 2007, p. 274.

⁵ Relação concretizada no pensamento aristotélico como relativo ao caráter (*ta êthika*), a retórica, assim, “[...] voltada à ação, essa filosofia se afasta daquela teorética, de busca da verdade – e que com ela se contenta –, indo além: a reflexão aristotélica da ação se encontra com a seara da política, que a partir daqui não pode mais ser distanciada da ética”. GONÇALVES, E. **Entre neo-estoicismo e razão de Estado: percursos da prudência política barroca**. 2022. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022, p. 14.

2. *Expulsio Barbariei*: o *Verum Latin* como projeto político-pedagógico

A reformulação dos padrões gramaticais e estéticos concretizam, tendo como base esse panorama, a intensificação do processo de *mimesis* na estética, redação, discurso e referencial da *auctoritas* clássica⁶ ao formular, nessa maneira, a estruturação da *exempla* (espelhamento de conduta)⁷ e o processo mnemotécnico, a *ars memoriae*, das sentenças filosóficas, gramaticais ou morais da Antiguidade. Soares narra que a medula de compreensão da autêntica *rinascita* do humanismo ítalo-renascentista, em conjunto com o refinamento do latim por via dos estudos filológicos e lexicológicos, está na revalorização plena da retórica como ponto de fundamentação do valor pedagógico (FLICKINGER, 2020) da *studia humanitatis* por meio tanto da *exempla* ou das *sententiae* na reformulação da educação tanto moral quanto eloquente (SOARES, 2018, pp. 332-333). Um dos possíveis pontos de emergência da literatura clássica⁸, em meados do *Trecento*, está nas contribuições empreendidas por

⁶ “[...] Esta educação pelo paradigma privilegiava a *auctoritas* de Plutarco, Valério Máximo ou Aulo Gélíio, entre outros, como principais fontes transmissoras dos *exempla* clássicos reutilizados pelos humanistas. Uma estratégia de vigor quase insuperável gravada em forma lapidar no pensamento de Cícero (O Orador 34.120): *exempla fidei faciunt*, isto é, os exemplos fazem-nos acreditar. Numa época em que a eloquência e a retórica ocupam espaço de relevo na educação, constituindo-se como a base da arte de bem falar, *ars bene dicendi*”. MELO, A. Maria. M. Da Antiguidade ao Renascimento: os *exempla* e a promoção de um ideal de perfeição humana. **Anuario de Estudios Filológicos**, vol. XXXIV, pp. 125-137, 2011, p. 130.

⁷ Sobre a ideia de *exempla* abrangente à instituição da autoridade (*auctoritas*) moral, filosófica e política da Antiguidade no Renascimento: MELO, A. Maria. M. Da Antiguidade ao Renascimento: os *exempla* e a promoção de um ideal de perfeição humana. *Op. Cit.*

⁸ O esforço pela sistematização e aglomeração de textos da literatura clássica com o intuito de assimilá-los fora, por motivos espaciais, de maior disponibilidade na Península itálica do que em outras regiões da Europa Ocidental, logo sendo mais viável a emergência dos estudos clássicos em núcleos letrados italianos do que em outras localidades. Kessler sublinha que “[...] the fact that the secondary grammar curriculum differed significantly between northern Europe and Italy may have provided a favorable circumstance or even a necessary condition for the emergence of Renaissance humanism in Italy. While outside of Italy, secondary grammar had abandoned the literary tradition, and having submitted to logical and metaphysical premises, had paved the way for scholastic philosophy and science, in Trecento Italy secondary grammar continued to teach the classical authors. Rooted in the grammatical tradition of Quintilian and Isidor of Sevilla, secondary grammar met the needs of rhetoric as taught in the guise of *ars*

F. Petrarca (1304-1374) e C. Salutati (1331-1406). Na catedral de Verona, no ano de 1345, Petrarca recupera as *Epistulae ad Atticum*, de Cícero. Em conjunto, fragmentos e textos integralmente conservados de Homero, Tito Lívio, Sêneca, Virgílio e Horácio são reavidos por Petrarca ao longo de sua persistente investigação em bibliotecas eclesiásticas e comunais (SOARES, 2011, pp. 120-21; SOARES, 2018, p. 500) Coluccio Salutati – proeminente discípulo de Petrarca – por sua vez, com um hiato de algumas décadas, no ano de 1392, resgata na biblioteca da catedral de Milão o texto integral das cartas *Ad Familiares*, de autoria ciceroniana (SKINNER, 1996, p. 106).

O próprio uso do latim sofre um integral remodelamento com a retomada dos textos latinos clássicos no vocabulário, conceitos, estrutura gramatical e o grau estilístico/linguística ao serem comparados com os textos latinos medievais sincretizados aos dialetos vernáculos (BURKE, 2008, p. 23). A intenção evidente dos humanistas estava em orquestrar um manifesto de *expulsio barbariei* imperante nos documentos medievais e reaver a *verum latin*⁹ da Roma em seu apogeu (SOARES, 2018, p. 283).

O latim vulgar ou, também, o latim utilizado em âmbito institucional em governos principescos, régios, episcopais ou comercial fora resultado de séculos de aglutinação e sincretismo dos dialetos vernáculos comumente proferidos nas espacialidades, seja o franco ou o occitano

dictaminis according to the Rhetorica ad Herennium and Cicero's De inventione. Furthermore, in the course of the Trecento and the Quattrocento, the teaching of grammar intensified and was accompanied by the rediscovery of classical texts and rhetorical treatises. While for instance Petrarch knew Cicero's De oratore and Quintilian's Institutio only in incomplete forms, the next century had access not only to the complete books of both but also to Cicero's Orator, Brutus and all of his orations and letters". KESSLER, Eckhard. Renaissance Humanism: the Rhetorical Turn. In: MAZZOCCO, Angelo. **Interpretations of Renaissance Humanism**. BRILL - (Brill's studies in intellectual history, 2006, p. 183.

⁹ "[...] É impossível imaginar o florescimento notável do programa de educação humanista sem um novo destaque ao estudo do latim. Os novos humanistas acreditavam que o latim era o único veículo digno para exprimirem seus ideais. Eles escandalizavam-se com o latim "bárbaro" dos escolásticos deturpado pela necessidade de encontrar equivalentes no latim moderno à terminologia quase sempre obscura do grego de Aristóteles, e que resultava em neologismos disformes. Até mesmo o latim sofisticado dos homens letrados do século XII não era satisfatório. O domínio perfeito do latim da melhor literatura da Antiguidade clássica era uma fonte de orgulho para os novos humanistas." BLOCKMANS, W; HOPPEMBROUWERS, P. **Introdução à Europa Medieval**. Op. Cit., p. 422.

na região da Gália; o galego, catalão, lusitano ou o castelhano na Península Ibérica; o toscano, o vêneto, o galo-italico ou o tirolês na Península Itálica ou, também, os dialetos insulares mediterrânicos como o siciliano, o sardo ou o corso. O ideal humanista ecoado no emprego lexicológico da *elegantia* do latim clássico, característica descrito pelos letrados-humanistas como ausente no turvo latim medieval, se mescla à noção associativa da capacidade de *eligere* (do ato de escolher/selecionar) o arranjo gramatical pela proporção das palavras empregadas ou a polidez da predileção em conteúdo ou persuasão no decorrer da elaboração tanto do texto quanto do discurso. Tais definições estarão determinadas no *Quattrocento* como uma diretriz substancial de erudição humanista explicitada, como exemplo, nas *Elegantiae Linguae Latinae*, publicado no ano de 1440, por Lorenzo Valla (1407-1457) (SOARES, 2018, p. 333).

O latim medieval, atrelado às flexões linguísticas em esferas regionais, de acordo com Burke, foi divergente da ambição dos humanistas de forjar um referencial documental de relativo grau de notoriedade ao refletir a idealização do latim clássico enquanto expressão ideal no plano institucional ou intelectual. A solução seria investigar minuciosamente a disposição filológica-linguística de *corpus* documental de autores clássicos e, dessa maneira, erguer o *verum latin* na linguagem e nas ideias empregado na Roma clássica. Essa ambição dos principais doutos do contexto renascentista em ter a aptidão de assimilar o modelo discursivo ou em prosa estará circunscrito, pontualmente, na influência retórica-literária e ética de matriz ciceroniana (BURKE, 2008, p. 23):

[...] A eloquência, ou seja, a arte da linguagem, se torna a *ars* por excelência entre todas as disciplinas, tanto por proporcionar a leitura dos clássicos quanto por garantir a possibilidade da imitação do que de mais grandioso foi escrito pelo homem. Por essa razão, a educação logo se tornaria uma das preocupações fundamentais na vida intelectual deste período, estabelecendo-se inicialmente por toda a Itália as primeiras escolas voltadas para os estudos liberais, para a leitura dos textos clássicos e para o aprendizado das técnicas retóricas (PINTO, 2011, p. 62).

Mais do que a forma gramatical ou a destreza pela aptidão de manusear as ferramentas de construção textual ou discursiva pautado na eloquência, a filologia (BASSETTO, 2001) se apresenta como a via por excelência do manancial do saber humanístico do Renascimento. A restituição e reelaboração do latim por intercessão dos textos greco-romanos recuperados em uma percepção gramatical seria a primeira camada de análise das obras clássicas. O trunfo atribuído aos estudos filológicos empregados pelos humanistas no contexto ítalo-renascentista está pelo intentar substancialmente exequível e material por um ato investigativo na compreensão não somente lexical na lucidez na inquirição ao *verum latin* mas, em conjunto, compreendê-la em seu enredo e como estava atribuída a sua significância no contexto de sua elaboração. Nesse sentido, a filologia não se limitaria à compreensão asséptica da dimensão gramatical do latim ou grego empregado na Antiguidade, porém aos seus alicerces que exprimem a acepção da linguagem. A concretude histórica, social e política é reconsiderada à investigação filológica como forma de tatear o mais verossímil concebível ao modelo greco-romano de outrora¹⁰.

Nestes termos, será nesse enredo que o humanismo, enquanto moção intelectual, instituirá a sua singularidade: implicar um princípio de disjunção ao compreender a Antiguidade como um momento (notoriamente idealizado pelo humanismo) não somente a ser resgatado, mas dissemelhante ao presente ao qual se distingue. O humanismo, na implicação proposta, circunscreve a interpretação textual e linguística tida como clássica em uma projeção que implica indissociavelmente a percepção do tempo como sujeito de ação na produção textual e conceitual da linguagem (STRUEVER, 1970, pp. 65-67 e 79).

A perquirição do humanismo opera, assim, na exaltação integral à averiguação prática daquilo que fora edificado pela ação humana. A retomada fervida ao paradigma clássico exala uma notável ruptura¹¹ com o

¹⁰ “[...] Para Poliziano, a filologia é o sentido da palavra, procurada em seu pleno valor significante e encontrada nas suas próprias dimensões históricas; filologia é crítica que reconduz ao mundo da atividade humana toda forma de teoria, que recoloca no tempo todo doeu mente, toda doutrina, todo dogma, toda autoridade”. GARIN, E. **Ciência e vida civil no Renascimento italiano**. 1ed. São Paulo: Editora UNIFESP, 1996, pp. 85-86.

¹¹ “[...] No âmbito da cultura humanista, ao contrário, o conhecimento não dependia de uma postura contemplativa, mas de um ato da razão humana, que passava a investir de sentido e legitimidade ontológica os eventos particulares mundanos em sua

axioma contemplativo agostiniano pela formulação de uma pragmática sistematização da filologia e, como resultado, a ressignificação dos *studia humanitatis* como disciplinas explicitamente direcionadas à *vita activa* em um valor pedagógico-moral e designado à práxis social e política (PINTO, 2006, pp. 129-131). Bassetto, em concordância, narra que:

[...] o termo filólogo deixou de ser corrente a partir do século VI no Ocidente. A nova mentalidade cristã levou os estudiosos a outra visão do mundo, a outra mentalidade dominada sobretudo por problemas religiosos; tentava-se suprimir tudo o que não se pudesse cristianizar. Também a cultura greco-latina passou por esse crivo; textos clássicos eram copiados por necessidade didática, servindo de modelo estilístico no aprendizado do latim, e isso para um número relativamente pequeno de aficionados, sobretudo da classe alta. O próprio clero desconhecia o latim, tanto que o papa Zacarias (741-752) se viu obrigado a reconhecer como válido o batismo administrado com a fórmula: “*In nomine de Patria, et Filia et Spiritua Sancta*”. A tentativa de Carlos Magno (741-814) de reverter essa situação não produziu os resultados esperados, como também a reforma de Cluny, no século XI. Enquanto uma restrita intelectualidade ainda se dedicava ao latim, a língua e a literatura gregas eram praticamente esquecidas em toda a Europa; Apenas com os primeiros movimentos do Renascimento, voltam a ser estudadas; assim, em 1396, Emmanuel Chysolora vem de Constantinopla a Florença como professor de grego, depois de um hiato de 700 anos. Nos séculos XV e XVI, surgem renomados humanistas e a filologia é retomada com a pesquisa real dos antigos, buscando uma explicação compreensiva dos textos (BASSETTO, 2001, p. 28).

Na primeira metade do século XIV algumas figuras, a exemplo de Francesco Petrarca, com o apreço aos textos clássicos e com o emprego do *imitativo*, parte da convicção que a produção de um texto de qualidade, invariavelmente, era preciso o estudo de base gramatical e pedagógica

peculiaridade. Em outras palavras, podemos dizer que, se a verdade a ser conhecida, de acordo com a tradição medieval, era um *a priori* à ação humana, e devia ser objeto de contemplação, na Renascença, ela passa a estar imanente ao ato investigativo. PINTO, Fabrina M. **O Discurso Humanista de Erasmo**: uma retórica da interioridade. *Op. Cit.*, p. 129.

oriundo de autores greco-romanos¹². Pressupostos, como por exemplo, a relevância da realidade/ação política também foi reavida como “[...] parte dessa reconstrução das referências das camadas letradas” (KRISTELLER, 1995, p. 20). Como narrado por Morganti e Araujo, “[...] Petrarca, reforçando as limitações impostas ao homem por sua natureza mortal, defende uma noção de conhecimento intelectual que coincide, necessariamente, com a consciência ética do sábio” (ARAUJO; MORGANTI, 2015, p. 412).

3. A eternidade das letras em virtude e valor: “[...] como Cícero, Virgílio, Tito Lívio e tantos outros — não tenham escapado à morte e permaneçam, de certo modo, conosco?”¹³

A retórica, com base neste viés, se aloca num espectro indissociavelmente vinculado à aptidão da ação (neste caso, o discurso) ao espaço público regido por cláusulas morais determinadas pela tênue incitação pela prudência cidadã em prol do funcionamento institucional

¹² L. de Mello e Souza, mesmo se posicionando historiograficamente em uma perspectiva equidistante entre o processo de rupturas e continuidades no Renascimento em comparação ao Medievo, ressalta que a inflexão proposta por Petrarca é ainda mais aguda no plano da reflexão linguística ou gramatical: o humanista propõe a ideia de diferenciação temporal entre o Medievo, período de descrédito, e o contexto de renascimento com a emergência dos textos clássicos greco-romanos - o moderno - pela retomada da valorização das letras clássicas pelo léxico gramatical pautado no latim clássico. SOUZA, Laura de Mello e. *Idade Média e Época Moderna: Fronteiras e Problemas. Signum – Revista da ABREM* - São Paulo, 2005, p. 241. De medida semelhante, F. Pinto argumentará que “[...] Petrarca foi um dos precursores do humanismo em seu culto à tradição ciceroniana, mas incorporou também, por outro lado, uma postura tradicional de desconfiança em relação ao uso da retórica, que seria comum a muitos dos humanistas posteriores, tal como Salutati, por sua aderência a um cristianismo mais interiorizado e contemplativo incompatível com o envolvimento na vida mundana. Conquanto ele fosse um dos pioneiros no resgate dos valores da Antiguidade, estava longe de existir em Petrarca uma aderência total aos postulados ciceronianos tal como haveria em Valla, por mais que ele considerasse fundamental para o programa pedagógico do humanismo o estudo dos antigos. Assim, se Petrarca valorizava o discurso eloquente, não era tanto por sua forma e beleza, mas por sua importância moral.” PINTO, Fabrina M. **O Discurso Humanista de Erasmo: uma retórica da interioridade.** *Op. Cit.*, pp. 91-92.

¹³ SALUTATI, C. Livro XIII, Ep. III. In: NOVATI, F. **Epistolario di Coluccio Salutati.** Roma: Forzani E.C. Tipografi del Senato, 1896. v. 03, pp. 598-614.

da cidade (MIRANDA, 2011). O *renovatio* dos *studia humanitatis*, propriamente ao adquirir significância ao ser empregado na conjuntura *sui generis* delimitada por premissas republicanas (PINTO, 2006, p. 70), está na alocação da fusão entre a consciência ética, assim como apontado, à *ars dicendi* como medula de fundamentação do modelo instrutivo emergente no humanismo tendo como finalidade à práxis social. Assim como indicado por Miranda, a fluência do latim aos moldes clássicos, em sua redação ou prosa verbal, não estava somente inscrito no zelo à *elegantia* estética ou ao *eligere*, mas afirma-se como intercessão no âmbito social, ao serviço ao sumo bem comum – à *urbe*, à *patria*, à *gens* [família] ou aos amigos. A retórica propagada no âmago dos núcleos de difusão humanísticos italianos e, *a posteriori*, nos circuitos intelectuais supra alpinos no decorrer dos séculos XV e XVI, se apresenta por um aspecto distintivo por demarcar-se por um caráter prático e pelo propósito de vinculação à filosofia moral - uma projeção ética à palavra (MIRANDA, 2011, pp. 105-106).

A chave de compreensão desse enredo se fundamenta na retomada do enaltecimento da eloquência, como matriz da *ars rhetorica*, ao ser assimilado pela redefinição emergente nas repúblicas italianas edificadas pela concepção política de isegoria (deliberação pública) e isonomia (igualdade jurídica entre os cidadãos)¹⁴. Com a situação anômala no cenário italiano setentrional, a eminência da retórica não estará somente pautada em ponderações ornadas em espaços públicos, mas também ecoado na inquietação por relacionar a eloquência ao verossimilhante e à estabilidade da comunidade política em prol do consenso popular (PINTO, 2006, p. 88). A premissa ciceroniana da virtude emanada pelo *homo urbanus ac politicus* retrata o ofício do cidadão em orientar-se em prol da preservação da cidade pela mescla entre a *eloquentia* e o *ratio* no exercício público “[...] nos tribunais, nas assembleias, no Senado” (CICERO. Dos Deveres [*De Officiis*]. Livro I. XXXVII, 132). O anseio das *passiones animi*, ausente de razão ou o consenso objetivado pela retórica, é apresentado

¹⁴ Sobre os princípios de igualdade/paridade isocrática, isegórica e isonômica: BENEVENUTO, F. R. de Souza; LORENTZ, L. Nacur. O princípio da igualdade e as perspectivas antiga e moderna. **Meritum** – Belo Horizonte – v. 3 – n. 1 – pp. 51-79, 2008.

como antítese à prudência aristotélica, à exemplo de Péricles (495-429 a.C.), em “[...] boas decisões” (GONÇALVES, 2022, pp. 30-31) – decretada pela aptidão do cidadão à forma do discurso e à abundância e riqueza do saber em benefício a manutenção das instituições citadinas (MARTINS, 2020, p. 456).

A retórica “[...] se torna a *ars* por excelência entre todas as disciplinas” (PINTO, 2006, p. 110) ao ser incorporada no *curriculum* humanista como fio de condução das demais disciplinas, se insere em uma notável “[...] renovação cultural e pedagógica então empreendida inicialmente nessas cidades” (PINTO, 2006, p. 88) com a prevalência da aptidão oratória e o domínio pleno da capacidade do manuseio das palavras para a intervenção cívica no enredo citadino (MELO, 2011, pp. 128-129).

Como ressaltado por Gonçalves, o discurso para Cícero não estava somente vinculado à justaposição eloquente [*eloquens*] das palavras para a promoção opaca do convencimento ou aprovação de um determinado público espectral, mas em exaltar o cumprimento inviolável do orador – em seu dever cidadão – em ensinar, deleitar e, em conjunto, convencer [*docere, delectare, et movere*] (CÍCERO. Dos Deveres [*De Officiis*]. Livro I. 50). Com isso, a reflexão acerca do emprego das narrativas deverá estar associada a um desígnio de uma figura ideal dos argumentos em um elo pedagógico-moral convergente à verdade na esfera pública (GONÇALVES, 2022, p. 31).

Um notável exemplo concreto nessa tentativa insistente de remodelamento pedagógico e cultural nucleado no referencial e autoridade dos textos clássicos está no *studium* fundado em 1420 por Guarino de Verona (1374-1460) (KESSLER, 2006, pp. 184-185), na cidade de Verona. Magalhães Pinto (2006, pp. 109-111) descreve que o *studium* veronense erradicará as premissas fundamentais que irão descrever o humanismo ao percorrer do *Quattrocento*. Guarino terá como foco o distanciamento do latim tido como corrompido do Medievo e, em divergência, se aproxima do ensino inclinado à implicação de estudos gramaticais e de tratados de retórica com base em anúncios de aplicação moral e cívica reavendo o latim clássico com técnicas filológicas

bem determinadas. No âmago destes debates endossados por performances físicas; estimulações mnemotécnicas em ritmo/fórmulas; estudos sistemáticos [*studiis ac disciplina*] (CICERO. *Pro Archia*. I. 1.) ou flagelações punitivas. Um dos objetivos basilares deste modo de ensino estava em forjar a capacidade dos discentes em replicar a estética da *ars recte loquendi* e o significado do conteúdo político, filosófico-moral, religioso e gramatical presente no *corpus* textual de autorias greco-romanas disponíveis no enredo renascentista em um “[...] método conhecido pelo opúsculo *de modo docendi et discendi*” (MARTINS, 2012, p. 40).

A educação ginásial humanística consolidada pela institucionalização do ensino no Renascimento (PEREIRA, 2013), nessa perspectiva, se aplica não apenas engessada em instruções especulativas ou abstratas em claustros apartados da dimensão cívica, mas em redefinir uma matriz curricular tendo como foco a emergência das potencialidades do homem em virtude e dignidade¹⁵ com base em uma “[...] formação de homens mais justos e virtuosos e, sobretudo, com uma postura mais questionadora em sua participação ativa na sociedade” (PINTO, 2006, p. 110). A noção humanista de educação entre o desenvolvimento harmonioso do intelecto e do corpo, estimulado desde a infância, tem como intuito a formação de um caráter e modelo moral ideal do cidadão pela operacionalidade técnica [*artium maximarum disciplinae*] do ensino (MARTINS, 2012, pp. 29-30). A inspiração clássica será, neste enredo, enquadrada na consagração à *monumenta aemulationis* – a emulação não

¹⁵ “[...] Mediante a prática das virtudes, a sociedade colocava-se nesta perspectiva em um nível mais elevado, sendo comum a todos o prestígio e a nobreza do espírito. Por fim, a necessidade de uma boa educação se adequava também perfeitamente ao otimismo corrente entre os humanistas no que se referiria à qualidade das potencialidades criativas do homem, cuja fonte principal é o *Discurso sobre a dignidade do homem* de Pico della Mirandola, publicado em 1486, de que trataremos no item seguinte. Deste modo, foi com base numa ampla e sólida base filosófica que homens como Guarino passaram a se dedicar à reforma do ensino, enquanto outros cuidaram teoricamente dos objetivos mais adequados à educação ginásial e a melhor forma de alcançá-los através da publicação de manuais pedagógicos, pois constituía uma prerrogativa essencial na Renascença a formação de homens que tivessem mais consciência de seu papel na sociedade”. PINTO, Fabrina M. **O Discurso Humanista de Erasmo**: uma retórica da interioridade. *Op. Cit.*, p. 111.

somente ao modelo de proficiência em regras e capacidades discursivas ou redacionais, mas no empenho à aplicabilidade de composição à ação (política-institucional; jurídica; religiosa ou pedagógica) em cinco etapas: “[...] a *inventio*, *dispositio*, *memoria*, *elocutio*, *actio*” (MARTINS, 2012, p. 63).

O aspecto precursor do projeto de educação humanística se concretiza em relevância em dois aspectos. O primeiro, como supramencionado, se enquadra na intencionalidade dos *studia humanitatis*, em um valor pragmático em uma projeção pela operacionalidade do cidadão no plano concreto das ações sociais e políticas. Com isso, a própria viabilidade da existência genuína do humanismo em sua categoria cívica expressa, por exemplo, nas missivas de Coluccio Salutati, não seria uma anomalia anacrônica – assim como ecoado por Hankins (2019, p. XVI) – ou distorção das intenções do chanceler em forjar um discurso em amparo ao regime florentino com base em premissas republicanas e morais. O segundo aspecto transpõe-se por via da determinação metodológica nascente nos estudos humanísticos: o mecanismo filológico da *multiplex imitativo* (MARTINS, 2012, p. 67).

O *imitatio* empregado pelo nascente humanismo, assim como supracitado, não representa o mero traslado em uma transposição irrisória da estrutura gramatical da *latinitas* por um rigor formal e estilístico do discurso, mas por uma pureza filológica integral. O emprego desta metodologia, em um primeiro momento, se consagra pela aplicação de duas dimensões da linguagem. A primeira será a pressuposição diacrônica (BASSETTO, 2001, pp. 41-42 e 85) – a compreensão da consciência da linguagem em um fluxo temporal, propriamente um emprego epistêmico à estrutura lexicológica e gramatical do latim na noção de distanciamento entre o latim empregado no enredo da Antiguidade e o latim presente no cenário ítalo-renascentista. Em um segundo momento, estará o emprego da premissa sincrônica – a concepção da linguagem em seu enredo temporal e espacial. Nessa perspectiva, a metodologia humanística filológica¹⁶ terá a aptidão em

¹⁶ “[...] Ideia fundamental deste humanista romano é o reconhecimento da importância decisiva da linguagem para a construção das doutrinas filosóficas e teológicas, o que o

assimilar a linguagem em duas esferas complementares: a assimilação da forma morfosintática (linguística/gramatical) e a assimilação, em conjunto, lexicológica-semântica (a linguagem sincrônica/conceitual propriamente dita) (MARTINS, 2012, p. 34).

O traço distintivo da filologia humanística, assim, se justifica com base na *exempla [exemplum] auctorum* das obras latinas e gregas tanto pela morfologia gramatical quanto pela significância semântica conceitual da linguagem empregada. Coluccio, assim como os demais humanistas subsequentes, compreende a escrita no dialeto vernáculo como ausente não somente das normas gramaticais, mas sem o rigor filológico do latim, em conjunto, a imprecisão também se expressará na deformação do pensamento e da clareza das ideias. Logo, neste viés, o projeto do renascimento das letras decantado do contexto romano emula não somente a recuperação da linguagem, mas também a recuperação do pensamento clássico deturpado no decorrer do Medievo (VANNI, 2022, p. 182).

Tal alegação se esboça com maior clareza quando são levadas em consideração de análise as epístolas de Salutati, figura proeminente no humanismo florentino e prócere dos circuitos intelectuais letrados do período. Em uma longa epístola privada¹⁷ endereçada ao Senhor de Ímola, o jovem Ludovico de Alidosiis, o chanceler florentino anexa algumas proposições relevantes para que seja possível compreender com maior clareza um dos pilares fundamentais do humanismo renascentista: a apologia as letras em um nexos indissociável entre a sabedoria e a eloquência. A carta, datada de 1402, de cunho instrutivo, destila como fio de condução um juízo de valor imensurável as camadas nobiliárquicas/governantes para com o aprendizado das letras, pois “[...] nada há de mais honesto, mais belo e mais digno de louvor do que

leva a insistir na necessidade da análise linguística e revisão filológica como vias de acesso à correcta apreensão e compreensão do conteúdo das doutrinas”. SANTOS, Leonel R. dos. **Linguagem, Retórica e Filosofia no Renascimento**. *Op. Cit.*, p. 23.

¹⁷ A Lodovico degli Alidosi signore d' Imola - Magnifico domino Ludovico de Alidosiis Imole domino. SALUTATI, C. Livro XIII, Ep. III. In: NOVATI, F. **Epistolario di Coluccio Salutati**. Roma: Forzani E.C. Tipografi del Senato, 1896. v. 03, pp. 598-614.

dedicar-se às letras” [*ut tibi persuadeas nichil honestius, nichil pulcrius nichilque laude dignius esse, quam vacare litteris*] (SALUTATI, C. Epistolaria. Livro XIII, Ep. III).

Contudo, os estudos das letras – *studia litterarum* – somente se configura enquanto como significante na edificação intelectual do homem quando “[...] a sabedoria e a eloquência, de fato, unem-se de modo excelente, de modo que, quanto aquela abarca, tanto esta exprima” [Optime quidem simul coalescunt sapientia et eloquentia, ut, quantum illa capit, tantum et ista pertractet] (SALUTATI, C. Epistolaria. Livro XIII, Ep. III). Mesmo subordinado à eloquência a sabedoria, Salutati expressa maior raridade a dimensão que se subordina [*subicitur eloquentia sapientie et in ipsa*], mas aponta a inviabilidade de operacionalidade plena na escassez de um dos dois extremos.

Como evocação usual em tratados e epístolas anteriores do chanceler, as presenças de figuras notórias no contexto da literatura latina/romana – tal como Cícero, Virgílio, Tito Lívio – surgem como argumentos na tese de Coluccio ao ecoar a imortalidade das palavras proferidas no passado e enraizadas no presente. Mesmo pela corrupção da virtude, a destruição das cidades ou a negligencia das gerações póstumias o conhecimento gerado, ou subtraído pela inconstância da preservação do saber da Antiguidade, Salutati argumenta que “[...] toda verdade é eterna, assim como não têm princípio no tempo, também, uma vez descobertas, mesmo que temporariamente, não podem perecer; talvez também nunca escapem da alma que as percebeu ou aprendeu” (SALUTATI, C. Epistolaria. Livro XIII, Ep. III). A ideia da imortalidade pelas letras, como a apologia central ecoada na carta de Coluccio, é mobilizada ao elogio recorrente da figura de Petrarca ao compará-lo – em eximia emulação – a excelência dos literatos clássicos. O elogio de Salutati se centraliza na relevância na produção literária de seu preceptor ao indagar o pressuposto que, tal como a magnitude dos antigos, “[...] quem duvidará de que o nosso Francisco Petrarca será ilustre, ele que já agora resplandece gloriosamente entre os vivos [...], permanecerá claramente imortal?” (SALUTATI, C. Livro XIII, Ep. III).

Assim como presente na epístola salutatiana supracitada, a literatura humanística se articulava em uma operação intertextual pela polivalência entre a análise e aquisição conceitual retórica-filosófica e pedagógica de – como exemplo – Cícero, à estética/doutrina das *Leis* de Platão (428-347 a.C), assim como o debate com o uso da *República* de forma recorrente em algumas figuras do humanismo. A *Ciropeideia* de Xenofonte, tal como a obra de Isócrates são reavidas pelo seu valor político-instrutivo e moral. A estrutura filosófica e moral das epístolas de Sêneca, assim como a estrutura gramatical proposta por Quintiliano, nas *Institutio Oratoria*, ou as obras de Laércio, Plutarco e Diógenes compõe a base de formação ética, pedagógica e retórica da matriz curricular do humanismo.

A permeabilidade do emprego morfológico e semântico das obras clássicas pela dialética do movimento sincrético entre o *imitativo* e o *renovatio* permite a proliferação de traduções semanticamente polidas como, por exemplo, de L. Bruni às obras de Aristóteles, Demóstenes, Plutarco, Xenofonte e Tucídides, tal como Lorenzo Valla ao traduzir Heródoto ou, também, A. Poliziano ao traduzir a *Iliada* e a obra de Plínio (MARTINS, 2012, p. 35 e 49). Em concordância com o objetivo de sintetizar tal horizonte, Vila-Chã esboça que “[...] o sincretismo constitui um dos aspectos mais salientes da filosofia no Renascimento. A noção mesma de Renascimento, com efeito, não pode dissociar-se da ideia de um restabelecimento do passado” (VILA-CHÃ, 2002, p. 743).

A recepção e assimilação da Antiguidade Clássica em seus alicerces filosóficos, gramaticais, estilísticos e morais irão, nestes termos, substanciar o humanismo como um fenômeno dispare em uma dinâmica própria – ausente no Medievo – pela composição integralmente intertextual de referências e, em conjunto, a elaboração do pensamento e da linguagem política humanística. Com base nestas obras recuperadas ou, em paralelo, revisadas com a metodologia filológica ao aclamar em particular os valores éticos-políticos como base de autoridade greco-romana na práxis social no presente (SOARES, 2004, pp. 116-118). Como entoadado por Soares, a autenticidade da técnica filológica da *multiplex imitatio* empregada humanismo em sintaxe, semântica e

estrutura discursiva será um exemplo notável do “[...] símile senequiano da abelha [Ep. 65], a recolher o néctar em todas as flores, que gozará da maior fortuna entre os teorizadores do Renascimento” (SOARES, 2018, p. 340).

Por mais que a conceitualização da intertextualidade enquanto um fenômeno analisável somente tenha sido cunhado pela linguística no decorrer da década de 1960, este processo, como advogado por Martins, atuou de forma ininterrupta ao longo do Renascimento no processo de formação do humanismo em sua categoria dialética entre *imitatio* e *renovatio*. Um texto, nos termos mencionados, não se efetiva por um ordenamento ocluso em si. A textualidade/discursividade, pontualmente operacionalizada na formação da mentalidade humanística, não pode ser descrita como hermética, mas remodelada a um projeto pedagógico e político ausente no Medievo pela primazia da linguagem filologicamente regida. Se tal característica for desconsiderada, o panorama epistêmico do humanismo como uma cultura política dissemelhante ao Medievo pela consciência da linguagem enquanto um constructo social em intenções, referenciais e paradigmas também, em resultado, será desconsiderado (MARTINS, 2012, pp. 52-53 e 68).

A digestão e apropriação do *corpus* documental clássico, em seu conteúdo tropológico e semântico, pontua o descompasso – a ruptura – entre a *ars dictaminis* Tardo Medieval em não se enquadrar em uma percepção diacrônica da linguagem e, em oposição, o projeto de sistematização humanística na ressuscitação morfossintática e ao significado sincrônico (BASSETTO, 2001, p. 67) da semântica greco-romana. A tonalidade da literatura humanística assumida, em um ideal performativo e praxiológico da linguagem em *ornatio*, *inventio* e *res et verba* substancia o *modus operandi* do humanismo em manobrar sua inclinação referencial à *auctoritas/exempla* discursiva da Antiguidade em uma metamorfose reconstitutiva plano pragmático da linguagem, filosófico-moral e política e, assim, não somente um espelhamento artificial do modelo clássico (MARTINS, 2012, pp. 53-57).

O recurso de espelhamento mimético à Antiguidade executado pela tratadística literária humanística, ao longo dos séculos XIV ao XVI, operou de forma tão enraizada e cumulativa na cultura política ítalo-renascentista que, como resultado, uma missiva ou uma obra neste contexto endossado pela filologia humanística, assim como abordado por Soares (2018, pp. 342-345), se assemelha a um mosaico miscelâneo composto por um sequenciamento, mesmo que sublinear, intertextual circunscrevendo a produção textual e discursiva do humanismo nas diretrizes referenciais greco-romanas. A manifestação exponencial de alusão os *loci similis* irradiaria um aspecto polissemântico do humanismo em compulsivamente investigar o axioma filosófico-moral e retórico em *ratio et oratio* permeado na interposição das obras clássicas desprezadas no Medievo¹⁸. O empreendimento filológica aplicado institucionalizará a afeição ao humanismo pela linguagem em sua integral extensão – a eloquência é renascida em forma de um instrumento moralmente determinado pela difusão conjunta de toda uma “[...] *respublica litteraria*” (PEREIRA, 2013, p. 142) inscrita em um valor de essência pedagógica à interferência a formulação ao ideal do homem virtuoso no plano social.

Assim, a concepção da mimesis pela reaquisição do verniz da *eloquentia* do humanismo emanado pela Antiguidade, com enfoque na contribuição ciceroniana, se qualifica pela inclinação que privilegia a *facultas*¹⁹ pela aplicabilidade em utilidade/honestidade²⁰ moral do discurso

¹⁸ “[...] Na verdade, a Idade Média reconheceu e admirou Cícero mas foi no Renascimento que consagrou o seu estatuto de plenitude filosófico-moral na (re)definição de valores ético-políticos tão aclamados. Os diálogos de Cícero nos quais se discute fervorosamente a eloquência retórica, e que terão sido parcialmente subestimados na Idade Média, conhecem agora, a partir do século XIV, a sua revalidação: fragmentos como de *De Oratore*, do *Orator* ou o manuscrito completo de *Brutus*. Este último tratado representa uma consistente história crítica de eloquência latina, promoveu incontáveis edições e reedições da obra ciceroniana por toda a Europa”. MARTINS, Ana I. Correia. **Pedagogia, retórica escolar e gênero do discurso literário no Renascimento**. *Op. Cit.*, pp. 41-42.

¹⁹ Aptidão ou talento. Capacidade de exercer determinado ofício com excelência; “[...] *hoc facultas sit ingenii*”. CICERO. *Pro Archia*. I. 2.

²⁰ “[...] Seguindo o modelo de Panécio, o filósofo romano estrutura seu tratado em três livros: o primeiro, dedicado ao honesto; o segundo, ao útil; e por fim, o terceiro, dedicado ao intento de sintetizar o aparente conflito entre os dois, no que se refere à determinação da ação. Essa disputa entre a honestidade e a utilidade de uma decisão pública, que

e menos ao *exercitatio* como fim ao aperfeiçoamento em si do discurso asséptico ao plano social (CICERO. Dos Deveres [*De Officiis*]. Livro I. XLIV, 155-157). O fio de unicidade expresso nos escritos políticos de Cicero com uma maior entonação ao devir cívico, assim como nos *Dos Deveres*, sobressalta uma afirmação ao empenho à competência e a sabedoria prática/empírica (*prudentia*) em um maior valor ao homem que age e, em comparação, menos à *sapientia* [*sophia*] em seu valor teórico e apartado das contrariedades citadinas (GONÇALVES, 2022, pp. 56-7).

Com a revitalização da linguagem em seu engenho e aptidão pelo devir político no cenário renascentista com o restabelecimento de um parâmetro do ideal cívico, Pereira sintetiza que a “[...] busca da eloquência marca todo o esforço de renovação pedagógica empreendido pelos humanistas” (PEREIRA, 2011, p. 37). De fato, o enaltecimento apologético mobilizado por Cicero em favor a *ars recte loquendi*, se posicionará no núcleo dos debates ao percorrer do Renascimento acerca de como operar a retórica, seja delimitado em uma esfera pedagógica/moral no plano social ou integralmente literária/gramatical (prerrogativa da *ars bene dicendi* por Quintiliano) (PEREIRA, 2011, pp. 33-37). Como anunciado no *De Oratore*,

[...] não há nada mais admirável do que um orador perfeito. De fato, deixando de lado a utilidade da oratória, que é soberana em qualquer cidade livre e em paz, há tamanho deleite na capacidade oratória em si, que nada pode ser percebido com maior prazer pelos ouvidos ou pelas mentes dos homens. Pois que canto é possível encontrar mais agradável do que um discurso cadenciado? Que poema é mais bem construído do que um período feito com arte? Que ator, ao imitar a realidade, é mais agradável do que um orador, ao assumir um caso real? Ou que há de mais sutil do que as sentenças abundantes e agudas? Que há de mais admirável do que um tema iluminado pelo brilho das palavras? Que há de mais rico do que um discurso repleto de toda espécie de temas? E não há qualquer tema que não seja próprio do orador, desde que exposto com distinção e gravidade CICERO. *De Oratore*. Livro II. 33-34. In: SCATOLIN. *Op. Cit.*, p. 201.

remonta às origens do pensamento político, nasce da aparente oposição entre esses polos”. GONÇALVES, E. **Entre neo-estoicismo e razão de Estado**. *Op. Cit.* p. 48.

O movimento de recuperação gradual das obras clássicas, tendo como prêmio a contribuição petrarquiana, se estende ao longo da primeira metade do *Quattrocento* ao catalisar o processo de emergência da influência greco-romana na formulação do referencial de autoridade nas *studia humanitatis* no âmbito do estudo da retórica como principal disciplina em seu viés instrutivo no enredo ítalo-republicano: o manuscrito integral da *Institutio Oratoria* de Quintiliano, reavido em 1416, por Pogglio Bracciolini; os manuscritos dispondo integralmente o *De Oratore* e *Brutus* de Cícero, recuperado em 1421 por Geraldo Landriani, além de compilados rememoradas no decorrer deste período de autores gregos como, por exemplo, os textos de Dioniso de Halicarnasso (*Sobre a composição*); Hermógenes (*Sobre as ideias e Sobre os tipos de estilo*); Demétrio Falereu (*Sobre o estilo*); Pseudo-Longino (*Sobre o Sublime*); Aristóteles (*Retórica*) ou Tácito (*Diálogo dos Oradores*) (SOARES, 2018, pp. 330-331).

A retórica, como enfatizado por Miranda, era “o coroar dos *studia humanitatis*”; o ponto de intersecção entre as demais áreas do saber humanístico a fim de instigar a formação de “[...] cidadãos melhores e mais úteis às suas repúblicas” (CÍCERO. Dos Deveres [*De Officiis*]. Livro I. XLIV, 155). Com a reestruturação do *corpus textual* clássico, o paradigma o qual regeria a retórica é convertido: os ecos propagados pelos textos greco-romanos, com ênfase em Cícero, propunham uma reintegração plena entre a eloquência (*verba*), o bem falar, e a sabedoria (*res*) - a filosofia inscrita na investigação do verossímil. A fusão entre essas duas dimensões, nessa perspectiva, propiciará a submersão da retórica em um saber operacionalizado em prol da moral no âmbito das relações da sociabilidade pública no emaranhado citadino em exponencial crescimento no contexto ítalo-renascentista (MIRANDA, 2018, pp. 102-103).

A emergência lexicológica-gramatical (PEREIRA, 2011, p. 33). do latim estará, como sublinhado, também acompanhado da atenção dos letrados e humanistas em proferir discursos ornados²¹ tanto na forma

²¹ “[...] eram inúmeras as ocasiões para proferir discursos: discursos fúnebres e nupciais, orações acadêmicas (no início e no fim do ano acadêmico, no início de um debate público ou no momento de alcançar um grau acadêmico), discursos de embaixadores e diplomatas, discursos de obediência a papas, reis e príncipes, discursos de recepção a

estética quanto na abundância do conteúdo, assim como enaltecido por Cícero. Contudo, a metamorfose da retórica renascentista tem como matriz não somente as estruturas gramaticais ou ornamentais, mas o valor pedagógico empregado no discurso – como a erudição e a elegância podem, em conjunto, dinamizar o valor pedagógico do discurso tendo como finalidade a sua *utilitas* na formação não de eruditos apartados das deliberações cívicas, mas do “[...] *homo eloquens, homo politicus*, pois da eloquência nascerá a cidade” (MIRANDA, 2018, p. 101). Miranda exemplifica o panorama da proeminência da retórica, ao percorrer da segunda metade do século XV ao último quartel do século XVII, ao apontar a difusão da *ars dicendi* ao longo da Era Moderna, desde a Escandinávia ao Vice-Reinado da Nova Espanha, com a publicação de: “[...] 4000 títulos de retórica (3842), de 1717 autores diferentes, em 12325 edições, em 310 lugares diferentes, por 3340 impressores” (MIRANDA, 2018, p. 102).

A reminiscência dos fundamentos propostos por Cícero (Dos Deveres [*De Officiis*]. Livro I. III-VII, 7-21) na finalidade ética e instrutiva da retórica pelo empreendimento de forjar, de fato, concidadãos dispostos de forma genuína em utilizarem da deliberação cívica e do espaço público como via ao estímulo ao bem comum, emerge nos tratados sobre a *ars rhetorica* como selo de sua notoriedade no cenário da formação da boa governança – tanto nos cenários republicanos quanto nas cortes principescas (*specula principum*) (MELO, 2018, p. 354) no Renascimento. Enea Piccolomini (1405-1464), por exemplo, desaprovava a modalidade da vida integralmente contemplativa, apartada da sociabilidade e de resoluções políticas. O humanista, o qual ascenderá ao trono papal como Pio II, redige sobre a “[...] futilidade do silêncio” (MIRANDA, 2018, p. 107) negando, assim, a erudição ausente da ação cívica. A crítica, em si, não estava direcionada à vida monástica da camada clerical, mas da contemplação asséptica – a absoluta cisão entre a temperança da razão e a

magistrados ou outras personalidades que visitavam a cidade, ou ainda discursos para pronunciar diante de uma assembleia de religiosos”. MIRANDA, Maria M. Lopes de. Retórica e *Res Publica* no Renascimento. Da eloquência nasceu a cidade. In: SOARES, Nair Castro; MIRANDA, Margarida; URBANO, Carlota Miranda (org.). ***Homo eloquens homo politicus***. Op. Cit., p. 104.

destreza da eloquência como intercessão à *prudentia/phronesis* [φρόνησις]²² na medida que “[...] todo o louvor da virtude cifra-se na ação” (CICERO. Dos Deveres [*De Officiis*]. Livro I. VI, 19).

A elocução anunciada, nessa perspectiva, é tributária da consciência semeada por Aristóteles pela regência da cidade pelas virtudes cidadãs na constância pela manutenção do espaço público. Nos termos aristotélicos, somente a inigualável monumentalidade dos deuses ou a bestialidade dos mais abomináveis homens estariam ausentes do *vivere civile* (ARISTÓTELES. Política. Livro I. 1253^a) Humanistas inseridos no *Quattrocento* e no *Cinquecento* italiano como Stefano Guazzo (1530-1593), ao publicar a *La Civil Conversazione* em 1574 ou, em conjunto, Alexandre Piccolomini (1508-1579) advogam, em tons mais drásticos em defesa à retórica, a qualidade intrínseca da eloquência como uma virtude inerente à comunidade política e ao sumo bem (MIRANDA, 2011, p. 107).

Considerações Finais

O discurso forjado em apologia aos *studia humanitatis* ao coroar a *ars rhetorica* como a mais relevante entre os demais campos do saber, está em mobilizar um consenso pedagógico pela relevância moral do *vivere civile* em prol da manutenção das instituições citadinas, as quais regem a república. O discurso humanista em elogio à eloquência, enraizado no elo político e moral proposto por Cicero, afluí para um horizonte de estímulo pela constante moderação dos concidadãos por uma participação direta nos assuntos da cidade pela concretude da práxis social em um agrupamento natural interpretado, em paralelo, como “[...] os enxames de abelhas” (CICERO. Dos Deveres [*De Officiis*]. Livro I. XLIV, 157). O

²² Uma das quadro virtudes cardeais - prudência/sabedoria (*prudentia/sapientia*); justiça (*fides*); coragem (*fortitudo*); temperança (*temperantia*) [CICERO. **Dos Deveres** [*De Officiis*]. Livro I. IV, 15-16] - na filosofia ética da Antiguidade greco-latina, o termo empregado no sentido de *sapere* (ou disposição) *pratico* - uma virtude intelectual/dianoética (*ἀρετή*) e não moral - em seu caráter contingente aos moldes aristotélicos de *phronesis* em oposição à definição platônica. A *phronesis* aristotélica pode ser descrita não como uma ciência (*ἐπιστήμη*) ou arte (*τέχνη*), mas “[...] como a virtude da parte calculativa da alma, flexível a cada situação e que se aplica somente às ações humanas terrestres”. GONÇALVES, E. **Entre neo-estoicismo e razão de Estado**. *Op. Cit.*, pp. 23.

humanismo em sua dimensão cívica, com isso, fabrica a antítese entre a *vita contemplativa*²³ “[...] bárbara, inútil e estéril” (MIRANDA, 2011, p. 102) ausentada das relações sociais ao ponto de gerar um homem bestializado (CICERO. Dos Deveres [*De Officiis*]. Livro I. XLIV, 157), sem razão ou eloquência e, em oposição, a *vita activa* – inscrita tanto nos preceitos cívicos da *prudentia*²⁴/*phronesis* nas resoluções públicas pelo consenso e raciocínio quanto ao devir ser cristão²⁵ da *caritas* (AQUINO, T. Suma Teológica. II-II. q. 23. a. 3. v. 5) em uma fusão plena entre a filosofia moral e a retórica regida pela ética²⁶.

Como supramencionado, enredos de tensões políticas ou diplomáticas instigarão o argumento do humanismo, tido em sua tonalidade intrinsecamente cívica, em operacionalizar o discurso em *eloquentia* e conhecimento dos assuntos/matéria [*rei ratio*] (CICERO. Pro Archia. I. 1) aplicado à distensões concretas no plano social por via dos

²³ Para a definição do conceito: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Martins Fontes – São Paulo, 2007, pp. 198-199.

²⁴ “[...] Se se devesse eleger uma outra via de prudência, aquela vida, a civil, certamente, é a mais louvável e ilustre, entretanto pode parecer a alguém que se é mais feliz naquele modo de vida sossegada, [imersa] em grandes estudos e artes. Por causa dessa vida os sumos varões são glorificados assim como Manio Cúrio” CICERO. *De Re Publica*. Livro III, III. 6. In: BERBATO. *Op. Cit.*

²⁵ “[...] O chanceler florentino Coluccio Salutati também louvou o cultivo das *humanae litterae* para a excelência da formação dos espíritos no interior da República. Podemos encontrar em seu epistolário defesas apaixonadas e contundentes do estudo dos poetas latinos contra aqueles que o condenavam em nome da instrução tradicional que reconhecia o autêntico cristão exclusivamente por sua fé nas Santas Escrituras e pelo cumprimento dos sacramentos. Uma delas está em carta de 1498 a Pellegrino Zambecari, seu freqüente correspondente, aonde Salutati exaltou as qualidades da vida ativa, dedicada aos negócios da vida pública, procurando dissuadir seu amigo da decisão de abandoná-la para uma vida retirada e solitária voltada para a contemplação da perfeição divina”. ARAÚJO, Sérgio Xavier Gomes de. Liberdade e Devoção: a afirmação da nova religiosidade humanista nos primeiros tempos do Renascimento. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** (USP), v. 11, p. 29-45, 2008, p. 33.

²⁶ Cf. SOARES, Nair de Nazaré C. **Mostras de sentido do fluir do tempo**. *Op. Cit.*, p. 339; MIRANDA, Maria M. Lopes de. Retórica e *Res Publica* no Renascimento. Da eloquência nasceu a cidade. In: SOARES, Nair Castro; MIRANDA, Margarida; URBANO, Carlota Miranda (org.). **Homo eloquens homo politicus**. *Op. Cit.*, pp. 107-108; BALDASSARRI, S. Coluccio Salutati and “*Florentina Libertas*” at the Humanist Crossroads. In: RICCIARDELLI, F. FANTONI, M. **Republicanism A Theoretical and Historical Perspective**. Viella s.r.l. - Kent State University, 2020, p. 260.

studia humanitatis e o próprio método inventivo filológico. O nascente humanismo florentino, protagonizado por figuras como Coluccio ou L. Bruni, terão a aptidão em não somente emular as premissas em amparo à Florença pela veemência do discurso ornado, verossímil e moral, mas em viabilizar uma narrativa estruturada pelo nexo entre a *prudentia* expresso no *sapere pratico* da Filosofia Moral; a *ars bene dicendi* pela eloquência da Retórica e a conduta pela *exempla* da História ao ser um fruto da própria cultura política humanística nascente nos circuitos intelectuais florentinos no epílogo do *Trecento* e o nascente *Quattrocento*.

Não seria um equívoco, nos nexos propostos entre a filologia e a cultura política humanística, alocar as figuras, por exemplos, de C. Salutati, L. Bruni. M. Palmieri ou P. Bracciolini, como um produto do remodelamento do paradigma linguístico (logo, com paralelo, também filosófico-político difundido aos valores clássicos) (BALDASSARRI, 2020, pp. 255-56) do Renascimento em um discurso palpável e fidedigno ao socorro à Florença capaz de “[...] (co)mover e inspirar” (MARTINS, 2012, p. 40).

Fontes Documentais

ARISTÓTELES. **Política**. Livro I. 1253a. [Edição Bilingue – tradução por A. C. Amaral e C. C. Gomes] Vega Universidade – Coleção Ciências Sociais e Políticas, 1998.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Edições. Loyola, v. 5, 2012.

CICERO. *De Oratore*. In: SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do orador de Cícero**: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23. Tese de Doutorado (Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2009.

CICERO. *De re publica*. In: BERNARDO, I. **O De Republica de Cicero**: natureza, política e História. Dissertação – FFLCH, Universidade de S. Paulo, São Paulo, 2012.

CICERO. **Dos Deveres** [*De Officiis*]. São Paulo – Martins Fontes [tradução do latim por Angélica Chiapeta; revisão da tradução por Gilson C. de Souza], 1999.

CICERO. **Pro A. Licinio Archia Poeta Oratio** [Em defesa do poeta Árquias]. Editorial Inquérito Limitado (Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Rebelo Golçalves) - Lisboa, 1986.

SALUTATI, C. Livro XIII, Ep. III. In: NOVATI, F. **Epistolario di Coluccio Salutati**. Roma: Forzani E.C. Tipografi del Senato, 1896. v. 03, pp. 598-614.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp. 198-199.

ADVERSE, Helton Machado. A Matriz Italiana. In: BIGNOTTO, Newton. (Org.). **Matrizes do Republicanismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ARAUJO, Sergio Xavier G. de; MORGANTI, Bianca Fanelli. Sobre a Familiar 1.7 de Francesco Petrarca e a polêmica contra os velhos dialéticos. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 403-417, jul./dez. 2015.

ARAÚJO, Sérgio Xavier Gomes de. Liberdade e Devoção: a afirmação da nova religiosidade humanista nos primeiros tempos do Renascimento. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** (USP), v. 11, p. 29-45, 2008.

BALDASSARRI, S. Coluccio Salutati and “*Florentina Libertas*” at the Humanist Crossroads. In: RICCIARDELLI, F. FANTONI, M. **Republicanism A Theoretical and Historical Perspective**. Viella s.r.l. - Kent State University, 2020.

BASSETTO, B. Fregni. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BENEVENUTO, F. R. de Souza; LORENTZ, L. Nacur. O princípio da igualdade e as perspectivas antiga e moderna. **Meritum** – Belo Horizonte – v. 3 – n. 1 – pp. 51-79, 2008.

BIGNOTTO, N. **Origens do Republicanismo Moderno**. Niterói: EDUFF (2ª ed.), 2021.

BLOCKMANS, W; HOPPEMBROUWERS, P. **Introdução à Europa Medieval: 300-1550**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

BURKE, P. **O renascimento**. Lisboa: Editora Texto&Grafia, 2008.

CARDOSO, Sergio. Nota sobre a originalidade do republicanismo renascentista. In: FÁVERO, Altair Alberto; PAVIANI, Jayme; RAJOBAC, Raimundo (Org.). **Vínculos filosóficos: homenagem a Luiz Carlos Bombassaro – Caxias do Sul, RS: Educs, 2020.**

FLICKINGER, Hans-Georg. Filosofia e pedagogia – uma simbiose a recuperar. In: FÁVERO, Altair Alberto; PAVIANI, Jayme; RAJOBAC, Raimundo (Org.). **Vínculos filosóficos: homenagem a Luiz Carlos Bombassaro – Caxias do Sul, RS: Educs, 2020.**

GARIN, E. **Ciência e vida civil no Renascimento italiano**. 1ed. São Paulo: Editora UNIFESP, 1996.

GONÇALVES, E. **Entre neo-estoicismo e razão de Estado: percursos da prudência política barroca**. 2022. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

HANKINS, James. **Virtue politics: soulcraft and statecraft in Renaissance Italy**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

KESSLER, Eckhard. Renaissance Humanism: the Rhetorical Turn. In: MAZZOCCO, Angelo. **Interpretations of Renaissance Humanism**. BRILL - Brill's studies in intellectual history, 2006.

KRISTELLER, P. O. **Tradição Clássica e Pensamento no Renascimento Italiano**. Lisboa: Edições 70, 1995.

LIMA, Marinalva Vilar de; CORDÃO, M. Pereira de S. Discursos ciceronianos: a oratória como estratégia política na Roma Antiga. **Classica (Brasil)** 20.2, 270-292, 2007.

MAZZOCCO, Angelo. **Interpretations of Renaissance Humanism**. BRILL - Brill's studies in intellectual history, 2006.

MARTINS, Ana I. C. *Magister Et Discipvlvs*: a perenidade da pedagogia humanista. In: REBELO, A; MIRANDA, M. (Coords.). **O mundo Clássico e a Universalidade dos seus Valores** - Volume I Impresa da Universidade de Coimbra, 2020.

MARTINS, Ana I. Correia. **Pedagogia, retórica escolar e gênero do discurso literário no Renascimento**: uma leitura da *Collectanea Moralis Philosophiae* de Frei Luís de Granada. Tese (Doutorado em Letras - Estudos Clássicos) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

MELO, A. Maria. M. Da Antiguidade ao Renascimento: os *exempla* e a promoção de um ideal de perfeição humana. **Anuario de Estudios Filológicos**, vol. XXXIV, pp. 125-137, 2011.

MIRANDA, Maria M. Lopes de. Retórica e *Res Publica* no Renascimento. Da eloquência nasceu a cidade. In: SOARES, Nair Castro; MIRANDA, Margarida; URBANO, Carlota Miranda (org.). **Homo eloquens homo politicus**. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento. Imprensa da Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos - Coimbra University Press, 2011.

PEREIRA, B. F. Renascimentos da arte retórica e globalização. SOARES, Nair Castro; MIRANDA, Margarida; URBANO, Carlota Miranda (org.). **Homo eloquens homo politicus**. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento. Imprensa da Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos - Coimbra University Press, 2011.

PEREIRA, B. Fernandes. No rastro do humanismo filológico europeu: edições quinhentistas de retórica clássica na BPMP. In: ANDRADE, A; *et. Al.* **Humanismo, Diáspora e Ciência**: séculos XVI e XVII. Universidade de Aveiro, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2013.

PINTO, F. M. **O Discurso Humanista de Erasmo**: uma retórica da interioridade. Tese de Doutorado – Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, 2006.

PINTO, F. M. Retórica e Filosofia na Formação do Pensamento Moderno. **O Que nos Faz Pensar** (PUCRJ), v. 27, p. 59-92, 2011.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. **Linguagem, Retórica e Filosofia no Renascimento**. Fórum de Ideais – Edições Colibri - Lisboa, 2004.

SKINNER, Quentin. **Fundações do Pensamento político Moderno**. SP: Companhia das Letras, 1996.

SOARES, Nair de N. Castro. A História *Opvs Oratorivm* e “Espertador do Entendimento”. In: SOARES, Nair Castro; MIRANDA, Margarida; URBANO, Carlota Miranda (org.). **Homo eloquens homo politicus**. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento. Imprensa da Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Coimbra University Press, 2011.

SOARES, Nair de Nazaré C. **Mostras de sentido do fluir do tempo**: estudos de Humanismo e Renascimento. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

SOUZA, Laura de Mello e. Idade Média e Época Moderna: Fronteiras e Problemas. **Signum – Revista da ABREM** - São Paulo, 2005.

STRUEVER, Nancy. S. **The Language of History in the Renaissance**: rhetoric and historical consciousness in florentine humanism. Princeton, New Jersey – Princeton University Press, 1970.

VANNI, Massino. **Firenze è la mia Patria**: Coluccio Salutati e la nascita della umanità. Porto Seguro Editore – Milão, 2022.

VILA-CHÃ. João J. Renascimento, Humanismo e Filosofia: Considerações sobre alguns temas e figuras. **Revista Portuguesa de Filosofia**, v. 58, p. 738-771. 2002.